

TRANÇADO TUPINAMBÁ: MULHERES NEGRAS E EMPODERAMENTO EM PORTO DE SAUIPE

Lucimêre de Souza Castro⁴

Resumo: O presente projeto Trançado Tupinambá mulheres negras empoderamento, na comunidade de Porto de Sauipe, surge da minha estreita relação com a arte e o interesse que tenho em minha identidade enquanto pesquisadora. A pesquisa será realizada na comunidade litorânea de Porto de Sauipe, Entre Rios Bahia. A pesquisa busca evidenciar nas trajetórias de vidas das artesãs associadas ao contexto sociocultural da localidade, as políticas culturais do letramento das mulheres negras que cresceram entre os rios e mangues, investigando os letramentos presentes na Cooperativa de Artesanato-COPARTT de mulheres artesãs. A presente investigação qualitativa tendo como viés metodológico, o método (auto)biográfico, destacando a cultura do artesanato de palha como um elemento impulsionador o empoderamento das mulheres negras daquela região. A proposta tem fundamentação teórica em estudos sobre letramento em Oliveira (2011), Barbosa (2004), Kleiman (2001), Fanon (2008), Silva (2018)

Palavras-Chave: Artesã. Empoderamento. Letramento. Mulheres Negras.

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, formação de professores e identidades. Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Meira Pires de Carvalho. Endereço eletrônico: lucimere5005@gmail.com.

APRESENTAÇÃO

A inquietação pelo tema “Trançado Tupinambá mulheres negras empoderamento” partiu da minha estreita relação e habilidade de trabalhar artesanato com as mãos. A pesquisa será realizada na comunidade Porto de Sauípe, localizado na exuberante “Costa dos Coqueiros”. Uma deslumbrante área de preservação ambiental, às margens da Linha Verde, primeira rodovia ecológica do Brasil, encontrada ao sul do município de Entre Rios, no litoral norte da Bahia, o acesso pode ser através da BR-101 aproximadamente 104 km de Salvador, pela BA-504 Alagoinhas x Porto de Sauípe com cerca de 80 km de distância, pela BA-099 Linha Verde 88 Km da capital baiana.

O município de Porto de Sauípe liga o litoral Norte da Bahia ao estado de Sergipe, autossuficiente é cercada por águas; de um lado o rio Sauípe e do outro o mar, com belas praias, a mais famosa da localidade, que é a da Barra, onde acontece um belo encontro das águas do rio Sauípe com o Oceano Atlântico. É possível aproveitar as barraquinhas ou ficar um pouco mais afastado delas, tomar banho no rio que possui uma temperatura agradável. Além das praias, Porto de Sauípe conta com uma lagoa que atrai pela tranquilidade, situada dentro dos limites do Condomínio Águas de Sauípe uma área fechada com acesso a visitantes. Inicialmente, um lugar isolado sobrevivendo da pesca costeira com uso das jangadas e do manguezal, impraticável no inverno. Assim, a única renda familiar passa a ser o artesanato de palhas, peças trançadas com técnicas dos povos originários.

A ocupação dessa região iniciou-se na segunda metade do século XVI, estendendo-se até o século XIX, as terras pertenciam a família Garcia D’ Avila que vendeu a Sigisfred Sigismundo Schindler, que chegou ao Brasil em 1879, instalou-se no litoral, explorando os produtos naturais (Stifelmam,1997).

Terras que eram ocupadas por povos originários Tupis, Tupinambás e Massarandupióis, a família Garcia D’Avila ocupa o litoral norte entre 1563 e 1609 de forma lenta e invasiva (Mattedi, 2002).

Schindler em 1898 construiu um porto às margens do rio Sauipe e do mar, o que resultou no nome dado a localidade de “Porto de Sauípe”, porto esse que era usado para transportar produtos da fauna e da flora. Antes dessa construção, a localidade vivia uma vida tranquila e calma, sobreviviam da pesca, impraticável no inverno, do turismo de “sol e praia”, da agricultura de subsistência e do artesanato de palha, herança dos povos originários Tupinambás. As artesãs herdaram o ritual de colher à palha de piaçava, tratar, tingir a fibra e criar artefatos versáteis e cosmopolitas.

A cultura do trançado das palhas pelas artesãs fomenta uma ambiência de trabalhar que não só prevalece à tecelagem, mas também o letramento dessas mulheres perpetua essa arte centenária que atravessa o mundo.

As artesãs com sua arte se tornam cosmopolitas transcende a divisão geopolítica.

Os cosmopolitas são chamados de cidadãos do mundo no sentido mais autêntico e eminente. Eles consideram todos os povos da terra como os muitos ramos de uma única família, e o universo com inúmeros outros seres racionais, são cidadãos promovendo juntos, sob as leis gerais da natureza, a perfeição do todo enquanto cada um, à sua maneira, se ocupa de seu próprio bem-estar. (Christoph Martin Wieland, 1788, p.15)

O projeto de pesquisa pretende evidenciar as práticas de letramentos existentes nas cooperativas das artesãs, a determinação das mulheres negras com baixa escolaridade; observar e identificar as marcas que evidenciam o letramento

social e a capacidade de leitura do mundo presentes na confecção das peças de palhas; investigar de que forma as práticas de letramentos utilizadas pelas artesãs constituíram uma emancipação e um empoderamento social; biografar as suas histórias, suas perspectivas de letramento e luta pelo reconhecimento de sua arte cosmopolita.

Immanuel Kant (2008), em sua obra “Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita”, escrito em 1784, defende um progresso uniforme e global da humanidade. Para o filósofo, a partir da rivalidade entre os seres humanos ocorre a necessidade da criação da sociedade civil.

As artesãs pertencem na sua grande maioria às classes de trabalhadoras, desfavorecidas financeiramente, sobrevivendo das vendas dos artesanatos. Por isso, é preciso inovações incorporadas aos artesanatos, para acompanhar os tempos, a cultura e dinâmica que ocorrem com o tempo.

Em frente dessa breve contextualização, busca-se aqui alcançar o objetivo pretendido por meio da abordagem qualitativa com ênfase ao método (auto)biográfico e entrevista narrativa, com os povos originários da aldeia Tupinambás, para discorrer sobre os conhecimentos na arte de trançar as palhas, e a dinâmica socioeconômica que reverbera desse trançado. Estabeleceremos diálogos com as mulheres com faixa etária diversificada entre 40 a 80 anos, membros da Cooperativa de Artesanato-COPARTT, permitindo a mim, enquanto pesquisadora, um relacionamento direto com os entrevistados. A princípio, irei me debruçar sobre obras que discorrem sobre a temática, buscando referências para embasar com solidez este trabalho. Outra etapa será a observação *in locu* do seu trabalho diário, além das entrevistas narrativas em campo, com mulheres de diferentes idades sobre a prática do trançar as peças, desde a colheita, o secar das palhas, até a finalização das peças. Com as informações produzidas e registradas pelas narrativas autobiográficas, estabelecerei um

diálogo também com os autores que embasam essa investigação, a fim de alcançar os resultados esperados.

Através das pesquisas bibliográficas; leituras de autores que se alinhem às perspectivas teóricas e ajudem o propósito aqui pretendido; reflexões sobre o tema abordado; até aqui, foi possível observar inicialmente que muitos são os letramentos, saberes ancestrais, memória (auto)biográfica que contribuíram para a diversidade cultural da comunidade.

A memória de curto prazo compreende o esquecimento como processo; ela não se confunde com o instante, mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso. A memória de longo prazo (família, raça, sociedade ou civilização) decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela, à distância, a contratempo, "intempestivamente", não instantaneamente (Gilles Deleuze, 1995).

A cultura indígena permeia através do saber intrínseco da arte manual ativa nas mãos das artesãs da comunidade que passa de geração a geração e transita no convívio permanente do contexto familiar.

Na sua grande maioria, as mulheres da comunidade de Porto são formadas por ascendência indígena, pois esse local foi habitado no passado por povos originários Tupinambás. Atualmente, existe uma aldeia que mantém a cultura dos tupinambás, localizada próxima à comunidade.

Com a confecção dos artefatos, as artesãs não apenas reforçam a tradição de sua comunidade, mas assume a condição de mola propulsora da economia local.

O artesanato para os segmentos populares se baseia na experiência vivida e transmitida de geração para geração. A tradição familiar tem enorme peso no processo criativo. Pertencer a uma família de artistas ou crescer em meio artesanal é,

geralmente, um meio de não só “dar continuidade a profissão de seus antepassados”, mas manter os vínculos afetivos, a memória, as trocas simbólicas e os elos de solidariedade e dom necessários à gestão do cotidiano de cada artesão (Dias, 2007).

O ser humano não se caracteriza pela língua, mas a cisão entre língua e palavra, entre sistema de signo e discurso, semiótica e semântica. As artesãs desde a infância adquiriram a técnica de tecer a piaçava, saber ensinado pelos mais velhos. O homem não nasce falando leva um tempo para dominar o uso da linguagem. Aprendemos por repetição, as artesãs também aperfeiçoaram as peças com a repetição.

Segundo Derrida (2001), tudo que existe no mundo possui a sua própria linguagem, e não apenas uma linguagem no sentido de posse. Assim, me fez pensar que os signos “linguagens” existentes nos artesanatos das mulheres negras e artesãs significam algo; apontam para um referente, para uma realidade: significar é “dizer algo de algumas coisas”. Nesse caso, tentarei identificar as linguagens existentes nessas artes.

As práticas sociais de determinados grupos devem ser analisadas a partir das suas funções e da própria concepção que os agentes de letramento lhes atribuem. No entanto, os programas de letramento, baseados em algumas concepções equivocadas, consideram esses grupos como analfabetos “passivos” e “atrasados”. Essa concepção errônea está diretamente associada à teoria da “grande divisão”, segundo Street (2015), em dois grupos: “letrados” e “iletrados”. (Silva, 2019).

Tomando como base os estudos de Brian Street (2015) sobre os letramentos sociais é importante discutir as consequências reais do letramento para grupos e sociedades. Street (2015) assume uma perspectiva etnográfica, se distanciando do modelo autônomo de letramento para apreender

a escrita na condição de práticas sociais plurais, ideológicas e culturais, revestidas de caráter local e específico. É nesta perspectiva que o conceito de letramento ideológico discute práticas de leitura e escrita socialmente construídas, atreladas a outros modos de conhecimento, saberes, identidades de ser e estar nas práticas sociais e em contextos particulares (Silva, 2019).

Mesmo que não domine a escrita gráfica, o homem domina a oralidade particular e singular de cada um. Assim, cada pessoa entende o mundo de várias formas; não é preciso dominar a leitura para conseguir elaborar significados e construir sentidos.

Comparo os ensinamentos das artesãs como o rizoma de Deleuze (1995), mesmo que ocorra um rompimento no dia a dia com as lutas com as dificuldades existentes com falta de reconhecimento, ocorrerá uma nova transformação a partir de outras linhas e conexões, sempre se reinventa. Dessa forma, o rizoma não é simplesmente um movimento, mas sim um gerador de possibilidades de transições e novas conexões.

Os saberes aqui são conjuntos de experiências constituídas, é saberes do mundo; serão valorizados as experiências, e conhecimentos acumulados no decorrer do tempo com seu mundo e no trabalho.

As narrativas dos moradores da comunidade podem criar lugares de memória, em que será retratada a transmissão de saberes da técnica de trançar as fibras pelos seus antepassados e um esforço de preservar a prática.

A busca humana pela identidade deve ser considerada como um processo contínuo de definir, reinventar e inventar sua própria história como se o passado pudesse interligar ao presente. Tempo, memória, espaço e história caminham juntos e através do tempo, traz em si a marca da historicidade.

Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado. (Lowenthal, 1981, p. 75).

O turismo atingiu a comunidade com a construção do Complexo Turístico de Sauipe. A comunidade criou expectativas pelo desenvolvimento econômico, inicialmente os investidores não conseguiram se integrar com as tradições locais, não atuaram socialmente no sentido de capacitação profissional de moradores com a construção do complexo. Houve a transformação do ambiente, restringindo o acesso à matéria-prima das atividades do artesanato. Com a área ocupada pelo complexo fica difícil retirar a fibra para confecção do artesanato.

Ressaltando que o Complexo Costa de Sauipe se situa geograficamente no município de Mata de São João. O Rio Sauipe é o divisor entre o município de Mata de São João e Entre Rios.

Destacamos a herança que as mulheres trazem com o trançar, o artesanato autoriza, permite, liberta, gera renda, permite a explosão criativa e curativa, compõe a história das mulheres de Porto de Sauipe.

BREVES CONSIDERAÇÕES ENTRE O ARTESANATO E A ARTE

O artesanato surge no período neolítico, na Pré-história por volta dos anos 6000 a.C.. A prática surge da necessidade de sobrevivência; poliam pedras para fabricar armas e objetos de caça e pesca, cerâmica para guardar alimentos e tecelagem para fabricar redes, roupas e colchas.

Segundo Cunha (2005), na Grécia, o artesanato teve a sua importância reconhecida por meio da transmissão de habilidades e conhecimento dos demiurgos (primeira denominação para

artífice) até ser visto de modo negativo, devido à desvalorização em uma sociedade de castas, com aqueles que laboravam com esta atividade.

No Brasil, os primeiros artesãos foram os povos originários, antes do período da colonização portuguesa, eles já faziam cestarias, coloriam penas, pintavam seus corpos, faziam casas, verdadeiras obras de arte. Os povos originários já viviam no Brasil, quando a frota de Pedro Álvares Cabral chegou ao continente americano, em 1500, a região que hoje se chama Brasil já era habitada por diversos povos originários.

A hipótese mais aceita para explicar a origem dos povos originários brasileiros é a de que eles são descendentes de povos asiáticos que atravessaram o estreito de Bering há 62 mil anos, estudos arqueológicos recentes estabelecem a chegada dos primeiros habitantes do Brasil à Bahia e ao Piauí entre 20 mil e 40 mil anos atrás.

No Dicionário Aurélio Ferreira (1999) artesanato se origina do prefixo latino *artis* e do sufixo *manus*, que significa arte com as mãos. Parte-se do princípio que a matéria-prima é moldada e que 80% da fabricação precisa ser feita manualmente, cada criação torna-se única.

De acordo a autora Lucia Hussak, é inadequado declarar que quaisquer produções não ocidentais possam ser chamadas de arte. Isso porque esse é um conceito criado no Ocidente e mesmo que, os povos originários deste país estejam localizados geograficamente no ocidente, eles não compactuam com esta forma de pensar e viver no mundo.

Pois, a definição de arte ocidental significa: à produção de um certo tipo de objetos que têm como principal função a de serem contemplados; esta contemplação ocorre, preferencialmente, em locais separados e específicos,

distantes das interferências do mundo cotidiano. O museu e a galeria são ambientes limpos, silenciosos, onde as obras de arte podem ser apreciadas da forma que se considera a mais adequada à sua função maior, que é a contemplação estética. (Vaz, 2011, p.1)

É preciso observar que a arte constitui, segundo Lévi-Strauss, uma linguagem, ou seja, é capaz de produzir um sistema de signos que falam diretamente aos sentidos, dotando-os de inteligibilidade. Assim, a obra de arte apresenta-se como um dispositivo fundamental para a chamada “ciência do concreto” (Lévi-Strauss, 2008, p.15). Ou seja, para os “modos de observação e de reflexão que foram (e sem dúvida permanecem) adaptados a descobertas de tipo determinado: as que a natureza autorizava, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível” (Lévi-Strauss, 2008, p.31).

O artesanato possui grande prestígio no campo social e mercadológico, devido à representação da cultura de cada região do mundo, sendo fonte de renda de diversos grupos familiares em grande parte dos países.

A revolução industrial foi a grande responsável pela desvalorização da prática do artesanato, pois antes era feito no espaço familiar, onde todos se dedicavam a produção das peças. No início, foi feito para sobrevivência de toda família. Com o processo de industrialização tornou-se impossível competir com a mecanização, pois as máquinas produziam em grandes escalas e no entorno familiar às peças eram feitas individualmente, levando mais tempo para confecção, tornando a peça única.

Ao produzir uma peça de artesanato à artesã está rememorando sua prática material, já o consumidor, ao comprar a peça interage com o tempo e o lugar.

Em “*O Pensamento Selvagem*”: a arte é um “*modelo reduzido*”, (Lévi-Strauss, 2008, p.39), da natureza a reprodução de um objeto em dimensões simplificadas, de acordo com os limites impostos pela técnica, suporte e materiais adotados. A redução não corresponde apenas a uma questão de tamanho; nas palavras do autor:

[...] mesmo o tamanho natural supõe o modelo reduzido, pois que a transposição gráfica ou plástica implica sempre uma renúncia a certas dimensões do objeto: em pintura, os volumes, as cores, os cheiros, as impressões táteis, até na escultura; e nos dois casos, a dimensão temporal, pois a totalidade da obra figurada é apreendida num instante. (Lévi-Strauss 2008 p.39)

O artesanato na comunidade de Porto de Sauipe é símbolo de luta contra a sociedade patriarcal dominante ali; ao empoderamento da mulher subalterna, de um sistema no qual a mulher era vista como um ser frágil e incapaz, ela foi capaz de adquirir autonomia para manter-se financeiramente e sua família, símbolo de luta pelo reconhecimento do Trançado Tupinambá no mundo cosmopolita.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Nesta pesquisa, buscarei evidenciar a riqueza cultural do artesanato de palha como um elemento impulsionador do empoderamento da mulher negra da região do Porto de Sauipe. Resgatando memórias que ressignificam o conhecimento. Evidenciando o processo de letramento preexistente as diversas expressões populares; ajudando na formação da cultura da comunidade, considerando os avanços conquistados no que se refere à valorização e reconhecimento da mulher negra.

Reconhecimento através do crescimento econômico na satisfação e recompensa através das vendas das peças.

As artesãs devem ser ouvidas, para garantir equidade a partir da escuta sensível das suas vivências, pois, possuem um papel bastante relevante no contexto sociocultural. As diversas trajetórias dessas pessoas podem sofrer impasses, inibindo as lembranças às vezes sofridas pela ausência de pessoas levadas pelo mar onde buscavam a sobrevivência, as viúvas do mar, que se tornam mães com o dever de alimentar seus filhos agora órfãos.

A entrevista não será um reencontro dessas mulheres com um passado difícil e árduo de submissão, pelo contrário, será a possibilidade de um reencontro com a identidade de mulheres e suas antepassadas, em um ambiente com evidências de letramento, em busca de empoderamentos diversos, dessas mulheres, provedoras do sustento econômico, que fizeram sua arte de palha ser cosmopolita.

REFERÊNCIAS:

APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitismo. Ética em um mundo dos Estranhos*. Novo York: Norton, 2006.

ARTESANATO *Brasileiro: História*. Disponível em:

<https://www.vivadecora.com.br/pro/artesanato-brasileiro/> . Acesso em: 09/08/2023.

AUGOT, Paula. *O que Fazer em Aracaju e o que visitar*. Disponível em

: <<https://nomundodapaula.com/o-que-fazer-em-aracaju-e-o-que-visitar/>>.

Acesso 07/08/2023

BITENCOURT Taynara Manto Tupinambá da Serra do Padeiro: *Arte, Cosmologia e Resistência Indígena* UFRB

<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#inbox/FMfcgzGtwWHndljmwjDbVtMvJdfZhGzm?projector=1&messagePartId=0.1> . Acesso em: 08/08/2023.

BENEVIDES, Cassuça. Índios chegaram há 40 mil anos. BBC, 21 abr. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/esp_bra_indios.htm. Acesso em: 09/08/2023.

CANDAU, Joël. *A memória e o princípio de perda*. Disponível em

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36074/18680>>.

Acesso em: 08/08/2023

COPARTT *Cooperativa de Artesanato do Trançado Tupinambá*. Disponível em <https://www.artesol.org.br/coppart>. Acesso em: 05/08/2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: *Rizoma*. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 7-37.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica:2001.

DOURADO, Flávia. *Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro*. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>.08/08/2023

ESCOLA, Equipe Brasil. “Artesanato”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/artesanato.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2023

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008, p. 11-51 e 103-126. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mas_caras_brancas.pdf.

KLEIMAN, Ângela B; SITO, Luanda Rejane Soares. *Multiletramentos, interdições e marginalidades*. In: KLEIMAN, Ângela B.; ASSIS, Juliana Alves. (Orgs.) *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2016.

LOTIERZO Tatiana «*Significação e emoção estética: Lévi-Strauss e um olhar antropológico sobre a arte*», Cadernos de Arte e Antropologia [online], Vol. 2, no 2 | 2013, posto online no dia 01 outubro 2013, consultado o 09 agosto 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/471>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.471>

MICHELLY, Karen Moraes e Sasaki. *Identidade de Lugar de Moradores de Porto de Sauípe-Ba em face da Intervenção Turística na Subjetividade Social Tese. Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador – UNIFACS - 2009*

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Raça e gênero: entrelaces racistas versus afirmação identitária negra*. Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos da UEL, ano 1, n. 1, p. 106-115, mar.-jul. 2011. Disponível em:

http://www.uel.br/neaa/sites/default/files/revistas/nguzu_miolo_final.pdf

POVOS Indígenas no Brasil - Tupinambá de Olivença

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tupinamb%C3%A1_de_Oliven%C3%Aa

PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. Tese. Doutorado em Educação e Contemporaneidade. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2014.

PEREIRA, Áurea da Silva *Letramentos, empoderamento e aprendizagens* / Aurea da Silva Pereira. – Campinas: Mercado de Letras, 2018.

QUAL É a Origem Do Artesanato? História Do Artesanato No Brasil. Disponível em <https://artesanato.culturamix.com/curiosidades/qual-e-a-origem-do-artesanato-historia-do-artesanato-no-brasil> . Acesso em: 08/08/2023.

RODRIGUES Ari *Política de Memória e Artesanato*. Disponível em

https://redeartesanatobrasil.com.br /author/ari_adm/ acesso em: 07/08/2023

STREET, Brian. *Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

ESCRITA DE MULHERES NEGRAS: POR CAMINHOS DE APAGAMENTOS E RETOMADAS

Luzia Martins dos Santos Silva⁵

Manifesto

(...)

Poesia é a vingança da cigarra

Enforcar a última formiga

Nas tripas do último louva-deus

(...)

Você quer entender o que é poesia?

O primeiro passo é desaprender gramática

É preciso entender a lírica

De cinco mil famílias exigindo moradia

(...)

Quando inicio um verso

Converso

Com as dezoito mulheres

Que antes de mim

⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB) — linha de pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida, orientadora Profa. Dra. Edil Silva Costa, endereço eletrônico: luz-martins@hotmail.com